

JOSÉ SARAMAGO

*ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS*

Com textos de
Fernando Gómez Aguilera
Luiz Eduardo Soares
Roberto Saviano

Ilustrações
Günter Grass



Copyright © Herdeiros de José Saramago, 2014
Copyright dos textos complementares © 2014 by Fernando Gómez Aguilera,
mediante acordo com Literarisch Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e.K., Frankfurt
am Main, Alemanha; © 2014 by Luiz Eduardo Soares; © 2014 by Roberto Saviano.
Todos os direitos reservados.

*No texto de José Saramago a editora manteve a grafia vigente em Portugal,
observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.*

Capa:
Alceu Chiesorin Nunes

Ilustrações:
*Gravuras retiradas do livro Günter Grass: Hundejahre, edição ilustrada de
aniversário © Steidl Verlag, Göttingen, 2013, mediante acordo com
Literarische Agentur Mertin Inh e.K., Frankfurt am Main, Alemanha*

Tradução dos textos complementares:
Eduardo Brandão e Federico Carotti

Preparação:
Huendel Viana

Revisão:
Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saramago, José, 1922-2010
Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas / José
Saramago; com textos de Fernando Gómez Aguilera, Luiz
Eduardo Soares, Roberto Saviano. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2014.

ISBN: 978-85-359-2490-9

I. Romance português I. Gómez Aguilera, Fernando.
II. Soares, Luiz Eduardo. III Saviano, Roberto. IV. Título.

14-09305

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura portuguesa 869.3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

ALABARDAS, ALABARDAS, ESPINGARDAS, ESPINGARDAS	7
Anotações de José Saramago	59
Um livro inconcluso, uma vontade consistente, <i>por Fernando Gómez Aguilera</i>	63
A violência segundo Saramago, <i>por Luiz Eduardo Soares</i>	79
Eu também conheci Artur Paz Semedo, <i>por Roberto Saviano</i>	91

O homem chama-se artur paz semedo e trabalha há quase vinte anos nos serviços de faturação de armamento ligeiro e munições de uma histórica fábrica de armamento conhecida pela razão social de produções belona s.a., nome que, convém aclarar, pois já são poucasísimas as pessoas que se interessam por estes saberes inúteis, era o da deusa romana da guerra. Nada mais apropriado, reconheça-se. Outras fábricas, mastodônticos impérios industriais armamentistas de peso mundial, se chamarão krupp ou thyssen, mas esta produções belona s.a. goza de um prestígio único, esse que lhe advém da antiguidade, baste dizer-se que, na opinião abalizada de alguns peritos na matéria, certos petrechos militares romanos que encontramos em museus, escudos, couraças, capacetes, pontas de lanças e gládios, tiveram a sua origem numa modesta forja do trastevere

que, segundo foi voz corrente na época, havia sido estabelecida em roma pela mesmíssima deusa. Ainda não há muito tempo, um artigo publicado numa revista de arqueologia militar ia ao ponto de defender que alguns recém-descobertos restos de uma funda balear provinham dessa mítica forja, tese que logo seria rebatida por outras autoridades científicas que alegaram que, em tão remotos tempos, a temível arma de arremesso a que se deu o nome de funda balear ou catapulta ainda não havia sido inventada. A quem isso possa interessar, este artur paz semedo não é nem solteiro, nem casado, nem divorciado, nem viúvo, está simplesmente separado da mulher, não porque ele assim o tivesse querido, mas por decisão dela, que, sendo militante pacifista convicta, acabou por não suportar mais tempo ver-se ligada pelos laços da obrigada convivência doméstica e do dever conjugal a um faturador de uma empresa produtora de armas. Questão de coerência, simplesmente, tinha explicado ela então. A mesma coerência que já a havia levado a mudar de nome, pois, tendo sido batizada como berta, que era o nome da avó materna, passou a chamar-se oficialmente felícia para não ter de carregar toda a vida com a alusão direta ao canhão ferroviário alemão que ficou célebre na primeira guerra mundial por bombardear paris de uma distância de cento e vinte quilômetros. Voltando a artur paz semedo, há que dizer que o grande sonho da sua vida profissional é vir a ser nomeado responsável pela faturação de uma das seções de armas pesadas em vez da miuçalha das munições para material ligeiro que tem sido, até agora, a sua

quase exclusiva área de trabalho. Os efeitos psicológicos desta entranhada e não satisfeita ambição intensificam-se até à ansiedade nas ocasiões em que a administração da fábrica apresenta novos modelos e leva os empregados a visitar o campo de provas, herança de uma época em que o alcance das armas era muito menor e agora impraticável para qualquer exercício de tiro. Contemplar aquelas reluzentes peças de artilharia de variados calibres, aqueles canhões antiaéreos, aquelas metralhadoras pesadas, aqueles morteiros de goela aberta para o céu, aqueles torpedos, aquelas cargas de profundidade, aquelas lançadeiras de mísseis do tipo órgão de estaline, era o maior prazer que a vida lhe podia oferecer. Notava-se a ausência de tanques no catálogo da fábrica, mas era já público que se estava preparando a entrada de produções belona s.a. no mercado respectivo com um modelo inspirado no merkava do exército de israel. Não podiam ter escolhido melhor, que o digam os palestinos. Tantas e tão fortes emoções quase faziam perder o conhecimento ao nosso homem. À beira do delíquio, pelo menos assim o cria ele, balbuciava, Água, por favor, deem-me água, e a água sempre aparecia, pois os colegas já iam de sobreaviso e imediatamente lhe acudiam. Aquilo era mais uma questão de nervos que outra coisa, artur paz semedo nunca chegou a desfalecer por completo. Como se está vendo, o sujeito em questão é um interessante exemplo das contradições entre o querer e o poder. Amante apaixonado das armas de fogo, jamais disparou um tiro, não é sequer caçador de fim de semana, e o exército, perante as suas

evidentes carências físicas, não o quis nas fileiras. Se não trabalhasse na fábrica de armamento, o mais certo é que ainda hoje estivesse a viver, sem outras aspirações, com a sua pacifista felícia. Não se pense, no entanto, que se trata de um homem infeliz, amargado, desgostoso da vida. Pelo contrário. A estreia de um filme de guerra provoca-lhe um alvoroço quase infantil, é certo que nunca perfeitamente compensado, pois a ele tudo quanto vê lhe parece pouco, sejam rajadas de metralhadora, combates corpo a corpo, bombas arrasa-quarteirões, tanques disparando e esmagando tudo o que encontram pelo caminho, e até mesmo algum exemplar fuzilamento de desertores. Em verdade, perante o convulso e tumultuoso ecrã, com a aparelhagem sonora subida ao máximo de decibéis, artur paz semedo é, pelo menos em espírito, com perdão da contradição em termos, a perfeita encarnação da deusa belona. Quando não há filmes bélicos em exibição nos cinemas, recorre à sua variada coleção de vídeos, a qual vai do antigo ao recente, sendo a joia do conjunto a grande parada de mil novecentos e trinta, com john gilbert, o galã de bigodinho a quem o sonoro arruinou a carreira, pois a voz dele era aguda, quase esganiçada, a modo de mau tenor ligeiro de opereta, nada própria de um herói de quem se espera que levante um batalhão das trincheiras só com gritar Ao ataque. A maior parte dos filmes da coleção são norte-americanos, embora haja também alguns franceses, japoneses e russos, como é o caso, respectivamente, de a grande ilusão, de ran e do couraçado potemkine. Ainda assim, a produção de hollywood é



maioritária na coleção, onde saltam à vista, por exemplo, títulos como *apocalypse now*, *o dia mais longo*, para além da linha vermelha, os canhões de navarone, cartas de *ywo jima*, a batalha de *midway*, rumo a *tóquio*, *patton*, *pearl harbour*, a batalha das ardenas, à procura do soldado *ryan*, a jaqueta metálica. Um autêntico curso de estado-maior.

Um dia artur paz semedo leu no jornal que a cinemateca da cidade iria passar o filme *l'espoir de andré malraux*, uma obra sobre a guerra civil espanhola rodada em mil novecentos e trinta e nove. Seria uma boa ocasião para se informar em pormenor do que havia sucedido no conflito em que a frente popular vigente no país vizinho fora vencida por uma coligação fascista em que participaram camisas castanhas alemães, camisas negras italianos, mouros a cavalo e viriatos, que foi como chamaram aos portugueses voluntários ou contratados para ir lá disparar uns tiros. Não vira o filme, não sabia sequer que se tratava de uma adaptação de um livro com o mesmo título, também de *andré malraux*. Homem de números e de faturas, deste artur paz semedo não se pode dizer que alguma vez tenha sido leitor entusiasta, quando muito devemos considerá-lo como um leitor relativamente aplicado, daqueles que, de vez em quando, por uma razão ou outra, ou mesmo sem qualquer razão especial, consideram ser sua obrigação de cidadãos ler tal ou tal livro e, lançados ao louvável trabalho, poderemos ter a certeza, salvo motivo de força maior, de que não irão saltar uma única linha. Embora, como já se deve ter mais ou menos infe-

rido do que vem sendo relatado, as coincidências entre a sua maneira de ser e pensar e a história que ali se narrava não abundassem, bem pelo contrário, tinha-se emocionado até às lágrimas com as imagens que no filme mostram a descida da serra de teruel, aqueles mortos e aqueles feridos transportados aos ombros dos companheiros, passando entre os punhos cerrados das filas de gente das aldeias próximas que haviam acudido ao resgate. Por isso, com lógica ou sem ela, decidiu que era sua obrigação de apreciador de filmes bélicos e empregado de produções belona s.a. ler um livro que precisamente tratava de uma guerra. Procurou-o nas livrarias, mas não o encontrou. Que era uma obra já antiga, sem procura de público que justificasse novas encomendas, disseram-lhe, talvez a descubra por aí, em algum desses alfarrabistas. Artur paz semedo seguiu o conselho e, à terceira loja, finalmente, a fome, como costuma dizer-se, deu em fartura, foram-lhe mostrados nada menos que dois exemplares, um em francês, outro traduzido, ambos em estado de conservação e limpeza bastante razoável, Qual deles vai levar, perguntou o livreiro. Artur paz semedo conservava algumas luzes da língua de molière, herança difusa dos seus tempos de liceu, mas temeu que a escrita do autor estivesse muito acima das suas capacidades de compreensão e optou por uma solução salomónica, Levo os dois. Os livros não eram caros, mas, ainda assim, o livreiro fez-lhe um pequeno abatimento. Na venda de armas também era costume fazer descontos, dessa matéria sabia ele tudo, uma variedade tal de comissões que, em alguns casos particu-

lares, chegavam a ameaçar a própria margem de lucro da empresa. Enfim, como não diz a sabedoria popular, mas poderia dizê-lo, Se queres vir a colher um dia, arrêga as mangas e semeia agora. Cada negócio tem os seus preceitos, também este livreiro, fazendo o abatimento, apostava na possibilidade de que o novo cliente voltasse a empurrar-lhe a porta da loja. A ideia de artur paz semedo ao comprar os dois exemplares do livro era tão óbvia como brilhante, teria sempre à mão a tradução do livro para o ajudar a vencer as dificuldades que viesse a encontrar na decifração do original. Nessa mesma noite, depois de jantar, sentou-se na sua poltrona favorita, abriu l'espoir e avançou pela guerra civil de Espanha dentro. Logo às primeiras linhas percebeu que sem o auxílio da tradução nunca lograria levar a bom termo a aventura literária em que se havia metido. Além da complexidade própria da narrativa e do estilo um tanto sobrecarregado do autor, ao menos para seu gosto, notava-se a presença de uma linguagem militar fora de moda que constantemente se vinha intrometer na história, tornando-a por vezes pouco acessível a um espírito habituado às táticas e estratégias da modernidade. Fosse como fosse, artur paz semedo desfrutava como um rei. Mal sabia ele, pobre coitado, o que o esperava. Ao cabo de uma semana de disciplinada e atentíssima leitura, quando já se estava aproximando do desenlace do livro, umas poucas palavras, de súbito, vieram sacudir-lhe a alma, o espírito, o corpo, enfim, tudo quanto nele fosse susceptível de ser abalado. Eis a brevíssima passagem responsável pelo sucesso, “O comissário da

nova companhia pôs-se de pé: ‘Aos operários fuzilados em Milão por terem sabotado obuses, hurra’”. Dez palavras simples, correntes, uma só linha de texto, nada mais claro, não podia haver a menor confusão. Apesar disso, consultou nervosamente a tradução, e ali estava tudo, posto na sua própria língua, operários, sabotagem, fuzilamento. Nenhum dúvida era permitida, nenhuma retorcida exegese, contra o que é seu costume, poderia vir meter-se aonde não havia sido chamada para afirmar que o que é, não é tanto. Artur paz semedo, cuja requintada sensibilidade não constitui segredo para ninguém, recordem-se as suas reações nervosas na apresentação das novas armas, percebeu em si um rápido lampejo de comiseração pela sorte dos pobres diabos, mas que imediatamente deu passagem a uma frase impiedosa que teve o escrúpulo de pronunciar em voz alta para que constasse, Não se podem queixar, tiveram o que procuravam, quem semeia ventos colhe furacões, isto foi o que ele disse. Mas não ficou por aqui. Uma irritação surda, subterrânea, que não conseguiu dominar, veio de repente à tona, e, em lugar do homem simples que tinha oferecido as suas lágrimas ao filme de mal-raux, apareceu, intolerante, intratável o empregado das faturas de produções belona s.a., tão afeiçoado a instrumentos bélicos que não podia suportar a simples ideia de que alguém se atrevesse a sabotá-los. Além de um crime grave de lesa-economia no seu setor industrial, tomava-o como uma ofensa que pessoalmente lhe tivesse sido feita. Custará ao leitor acreditar que sentimentos como estes, tão explicados, tão precisos na sua

enunciação, se tivessem manifestado em sequência, como se de páginas sucessivas de um livro se tratasse. A realidade do que aconteceu na cabeça de artur paz semedo foi diferente, a comiseração, a falta de piedade e a irritação, ainda que centradas em si mesmas, tinham aparecido misturadas umas com as outras, opondo-se, contradizendo-se, afirmando-se, portanto impossíveis de examinar como se se tratasse de uma coisa só. O sentir humano é uma espécie de caleidoscópio instável, mas, neste caso, o que importará deixar claro é que a reação prevalecente foi a contrariedade, o desagrado, a zanga. Foram eles que levaram artur paz semedo a não continuar a ler o livro de malraux, para seu desgosto, e profundo, já lhe bastava o que tinha acabado de sofrer. Desde o princípio do mundo que havia armas e não morria mais gente por isso, morriam os que tinham de morrer, nada mais. Uma bomba nuclear levava pelo menos a vantagem de abreviar um conflito que doutra maneira se poderia arrastar indefinidamente, como foi o caso, antigamente, da guerra dos trinta anos, e a outra, a dos cem, quando já ninguém esperava que alguma vez pudesse voltar a haver paz. Nesta altura lembrou-se de felícia, seria simpático da sua parte informá-la do que o livro de malraux narrava. Se ela não o tivesse



lido, os seus sentimentos pacifistas lho agradeceriam. A irritação diminuía, situava-se agora num nível facilmente suportável, como uma contrariedade corrente, por exemplo, uma porta a ranger, uma torneira a pingar, o cão que não se cala. Começou a marcar o número do telefone, mas desligou a meio. Pensou que podia suceder que ela estivesse acompanhada, sabe-se lá, ou, pelo contrário, sabe-se bem de mais, o que a chamada iria interromper ou perturbar, ela talvez a sussurrar a alguém, Deixa, deixa tocar, estamos ocupados, não será nada de importância. Artur paz semedo olhou a página do livro, viu os operários fuzilados, os morteiros inutilizados e, sem mais hesitação, voltou a marcar, desta vez até ao fim. O telefone deu três sinais e ela respondeu, Estou, Sou eu, o artur, Já sabia, vi aqui o teu número, Desculpa vir ligar-te a esta hora, Ainda não é tarde, Aconteceu-me uma coisa de que gostaria de te falar, Algum problema, perguntou ela, Problema, não direi, mas estou com o espírito confuso, Se isso é por causa de alguma mulher que acabaste de conhecer, desejo-te as maiores felicidades, Qual mulher, qual nada, tenho coisas mais importantes em que pensar, Olha que seria digna de exame essa tua preocupação, pelo menos assim me parece, de queres que acredite que não tens



andado com ninguém depois de eu ter saído de casa, Ande ou não ande, não é da tua conta, não te diz respeito, Muito bem, explica-me então por que tens a cabecinha confusa, Há uma semana fui à cinemateca para ver um filme chamado l'espoir, Também o vi, estive lá anteontem, É uma história comovedora, sobretudo aquela descida da serra de teruel, Custa a segurar as lágrimas, é certo, Eu confesso que chorei, disse artur paz semedo, Já to disse, também eu, disse felícia. Houve um silêncio. Podia-se pensar que estavam contentes por terem partilhado uma emoção tão forte, quem sabe se por coincidência sentados na mesma cadeira do cinema, mas nunca o reconheceriam, fazê-lo seria dar uma mostra de debilidade sentimental de que o outro poderia vir a aproveitar-se. Todo o cuidado é pouco com os casais separados. Afinal, perguntou felícia, que tinhas tu para me contar, Depois do filme, achei que devia ler o livro deste malraux, mas em má hora o fiz, Porquê, Já perto do fim há uma referência a uns operários que foram fuzilados em milão por terem sabotado obuses, E depois, Parece-te mal, perguntou ele, Nem mal nem bem, só me parece justo que eles o tivessem feito, Justo, justo, escandalizou-se artur paz semedo, fazendo vibrar de indignação a membrana interior do aparelho, Sim, não só justo, como necessário, uma vez que estavam contra a guerra, Claro, e agora estão mortos, A gente de alguma coisa tem de morrer, Fica-te mal o cinismo, aliás não me admira, sempre foste como uma pedra de gelo, Tu, sim, que és cínico ao exhibir essa falsa virtude ofendida, e, quanto à pedra de gelo, peço meças, O que faço

é defender o meu trabalho, graças ao qual pudeste viver uns quantos anos, Realmente, és um cavalheiro, se ainda não te havia agradecido a caridade, disse felícia, agradeço-ta agora, Deveria saber que iria arrepender-me de ter telefonado, Podes cortar a ligação quando quiseres, mas já agora peço-te que me dês tempo para contar-te uma história parecida que com certeza não conheces, é um minuto, não preciso de mais, Estou a ouvir, Li em tempos, não recordo onde nem exatamente quando, que um caso idêntico sucedeu na mesma guerra de espanha, um obus que não explodiu tinha dentro um papel escrito em português que dizia Esta bomba não rebentará, Isso deve ter sido obra do pessoal da fábrica de braço de prata, eram todos mais ou menos comunistas, Nessa altura parece que havia poucos comunistas, E algum que não o fosse, seria anarquista, Também pode ter sido gente da tua fábrica, Não temos cá disso, Braço de prata ou braço de ouro, o gesto é idêntico, com a diferença importante de que neste caso ninguém terá sido fuzilado, ao menos que se tivesse sabido, Ao contrário do que pareces pensar, não reclamo fuzilamento para os culpados de crimes como esse, mas apelo para o sentido de responsabilidade das pessoas que trabalham nas fábricas de armas, aqui ou em qualquer outro lugar, disse artur paz semedo, Sim, o mesmo tipo de responsabilidade que fez com que nunca tivesse havido uma greve nessas fábricas, Como o sabes, Teria sido notícia mundial, teria entrado na história, Não se pode discutir contigo, Pode, é o que temos estado a fazer, Devo desligar, Antes, ainda te dou uma sugestão para as horas va-

gas, Não tenho horas vagas, Pobre de ti, mouro de trabalho, Que sugestão é essa, Que investigues nos arquivos da empresa se nos anos da guerra civil de espanha, entre trinta e seis e trinta e nove, foram vendidos por produções belona s.a. armamentos aos fascistas, E que ganharia eu com isso, Nada, mas aprenderias mais alguma coisa do teu trabalho e da vida, O arquivo da empresa só pode ser consultado com autorização da administração, Usa a imaginação, inventa um motivo, creio que és um dos meninos bonitos desses criminosos, para alguma coisa te haverá de servir, Tenho de desligar, Já o havias dito antes, Desculpa ter-te incomodado, Pelos vistos, o incomodado és tu. Boas noites, Boas noites. Dez minutos o telefone de artur paz semedo tocou. Era felícia, Não procures encomendas assinadas pelo general franco, não as encontrarias, os ditadores só usam a caneta para assinar condenações à morte. E desligou antes de que ele pudesse responder.